

Mudar o foco: uma urgência para o processo de iniciação à vida cristã

*Denilson Mariano da Silva*¹

Palavras-chave: Iniciação à Vida Cristã, Catequese, Sacramentos.

INTRODUÇÃO

Ainda é forte na catequese a centralidade do foco sobre a recepção dos sacramentos em detrimento da centralidade do seguimento a Jesus Cristo, através da vida de comunidade. Os avanços trazidos pelo Vaticano II e presentes em muitos outros documentos, que tratam da Iniciação à Vida Cristã (IVC)², são ainda pouco conhecidos e, por isso, têm pouca incidência sobre prática catequético-pastoral da IVC.³ Nosso objetivo é retomar os desafios desta problemática da IVC, em nosso contexto atual, revisitando os sacramentos de iniciação a partir de sua centralidade em Jesus Cristo e no Reino de Deus. A partir dessa centralidade buscar pistas que possam reorientar o foco do processo catequético afim que de favoreça aos fiéis, a vivência cristã em comunidade e o desenvolvimento de sua missão como “sujeitos” na Igreja e no mundo.

1 O DESAFIO DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ (IVC)

Vivemos sob os ditames da imediatez, algo bem característico dos tempos pós-modernos. A lógica do “time is money” ou do “tempus fugit” exige, cada vez mais, que tudo seja rápido, dentro do menor tempo possível. Tudo, ou quase tudo, é medido pelo valor monetário, tudo é mercantilizado e visto sob a ótica utilitarista. Há também um voltar-se para a subjetividade, para a individualidade do sujeito,⁴ o que sem dúvida, é um valor, mas cuja

1 Mestre em Teologia (Doutorando) / FAJE E-mail: marianosdn@yahoo.com.br

2 Usaremos IVC para abreviar a Iniciação à vida Cristã. Eis alguns dos principais documentos eclesiais que tratam deste assunto: Catequese Renovada, Diretório Nacional de Catequese; Diretório para os Sacramentos; RICA – Ritual de Iniciação Cristã de Adultos; Documento de Aparecida, Iniciação à Vida Cristã (Doc. 107, CNBB), entre outros.

3 Vale lembrar que a Igreja do Brasil, através da CNBB, na sua última Assembleia Geral, ocorrida em Aparecida – SP e finalizada em 10/05/2017, colocou como um dos “pilares” de sua proposta de ação evangelizadora a IVC.

4 “A crescente emergência da subjetividade, característica do nosso passado mais recente, se degenerou nos últimos decênios no atual individualismo cultural que desvincula a pessoa humana das tradições e das instituições, erigindo-a como origem autônoma de suas concepções, de seus valores e de suas ações.” MIRANDA, Mário de França. Rumo a uma nova configuração eclesial. In: *Cadernos de Teologia Pública IX*, nº 71, 2012, São Leopoldo: UNISINOS, p. 17.

atual maximização leva ao enfraquecimento dos laços comunitários e tende a relações mais superficiais e pouco duradouras.

No campo das buscas religiosas dentro do universo católico, há um deslocamento de eixo. Enquanto o Evangelho aponta para a necessidade conformar a própria vida com Cristo: “Se me amais, guardai os meus mandamentos” (Jo 14,15), as buscas religiosas se orientam, em grande parte, por aquilo que mais satisfaz a cada fiel. Cada qual busca o que mais lhe agrada, ou aquilo que lhe oferece maior emoção. Ao invés de moldar a vida a partir de Cristo, busca-se moldar a imagem de Cristo segundo as próprias preferências. As práticas religiosas tendem mais para a satisfação emocional, reforçando o sacramentalismo (ritos vazios ou desprovidos de pertença eclesial e sem o referencial da busca de seguimento a Jesus) e o devocionismo (práticas externas de rituais religiosos que não revelam uma verdadeira conversão). Torna-se grande o desafio da transmissão da fé como já nos acena França Miranda:

A multiplicidade de situações e contextos vitais da atual sociedade pluralista obriga os cristãos a viverem sua fé em meio a *novos* desafios que exigem *novas* linguagens e *novas* práticas. [...] Todos nós sentimos hoje o problema candente da proclamação e da transmissão da fé. (MIRANDA, 2012, p. 21)

Neste cenário o processo IVC é dificultado. Encontrar uma postura integradora de valorização do sujeito em sua individualidade, através da acolhida fraterna e carinhosa, na comunidade de fé, é um desafio que leva a olhar mais de perto esse processo de IVC.

1.1 A CATEQUESE NO PROCESSO DE IVC

A catequese, que é vista como um dos principais meios para IVC, em boa parte das paróquias, é realizada tendo o foco na recepção dos sacramentos⁵. É comum a nomenclatura: “preparação para o batismo”, “preparação para a crisma”, “preparação para a primeira eucaristia”, “para o matrimônio”, etc. Com esta ótica, os laços comunitários são frágeis, o processo catequético fica fragmentado, os encontros e estudos oferecidos, em sua grande maioria são superficiais. Apesar de todo o esforço e empenho dos catequistas, depois da recepção do sacramento, é grande o número dos que se afastam da comunidade de fé e até da caminhada cristã. Além disso, entre os que perseveram é baixo o índice daqueles que se descobrem “discípulos missionários”⁶ ou “sujeitos eclesiais”⁷, num processo gradual e contínuo

5 Refiro-me aqui, de modo especial, ao que tenho observado na caminhada catequética em minha presença pastoral junto às dioceses de Caratinga e Governador Valadares, em MG, Cachoeiro de Itapemirim, ES e Sinop e Cáceres, no MT.

6 Um dos eixos centrais do Documento da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe em Aparecida, 2017, retomado também na Exortação Apostólica do Papa Francisco: *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.

7 Perspectiva sobre a qual se debruça o Documento 105 da CNBB, 2016.

de maturidade na fé.⁸. Em grande parte, tornam-se fiéis que se “sentem católicos, mas não se reconhecem como Igreja”, (CNBB, 2016, n. 120)

Diante disso, o adágio “*Ecclesia semper reformanda*” leva-nos a buscar caminhos em meio a essas dificuldades. E isso faz-se urgente. Ou a Igreja, enquanto peregrina, encara com seriedade a questão da Iniciação à Vida Cristã, “reformando-se” ou não terá condições de “continuar a ser a mesma”, mediação de salvação na história. Enfraquecendo-se em sua missão no mundo. Isto implica, uma séria mudança do foco no processo de IVC.

1.2 O FOCO DO MODELO CATEQUÉTICO

Temos um modelo de catequese ainda bastante fragmentado, descontínuo, pois, o foco da catequese está orientado para a recepção dos sacramentos. Notadamente, o problema vai para além da catequese. Está ligado ao modelo de Igreja e às condições necessárias que devem existir para que os leigos possam, de fato, abraçar sua missão⁹. Soma-se a isso um fato bastante comum de o calendário catequético obedecer mais ao calendário escolar, fazendo coincidir os períodos de férias e formaturas na escola com o período de recepção dos sacramentos na comunidade. O que justificaria uma eventual saída da comunidade, pois, já teria alcançado o que se buscava: o sacramento. É preciso alargar o foco e trazer presente que o desafio da IVC inclui a catequese, dela depende, mas lhe é mais amplo e profundo, e com tal deve ser enxergado. Aqui queremos tratar do sentido dos sacramentos da IVC.

2 OS SACRAMENTOS SE RADICAM EM JESUS, SEU HORIZONTE É O REINO

Para bem situar os sacramentos é preciso ir às suas raízes. A partir da ressurreição, fatos marcantes da vida de Jesus, ganham uma densidade maior de sentido. Estes fatos encontraram sintonia na vida do povo e tornaram-se sinais, símbolos, sacramentos que uniam a vida da comunidade primitiva e a vida de cada fiel ao mistério da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor.¹⁰

8 “Naturalmente, assumir sua vocação de autêntico sujeito eclesial implica em cada membro da Igreja uma correspondente *maturidade humana*, tal como a entende o senso comum: uma atitude adulta, equilibrada, adequada diante de uma situação concreta.” MIRANDA, M. França, É possível um sujeito eclesial? *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, Ano 43, nº 119, Jan/Abr 2011. p. 58.

9 Veja o alerta de França Miranda: “Devemos reconhecer que [...] o convite feito aos leigos e às leigas para ser membros ativos e verdadeiros sujeitos eclesiais não vem acompanhado das condições requeridas para tal, que a formação dos futuros sacerdotes ainda deixa a desejar para que tenham uma atuação significativa nesta sociedade e não se refugiem apenas nos atos de culto, [...] que a mulher ainda continua discriminada em muitos setores da Igreja embora sejam seus membros mais ativos e generosos, que a preocupação pastoral pelos pobres tenha se arrefecido nos anos pós-conciliares, que os cargos eclesiásticos são vistos como instâncias de poder e não tanto como carismas de serviço gerando no novo clero a ideia de carreira eclesiástica.” (MIRANDA, 2011, p. 65)

10 Aqui nos apoiaremos em duas formas de abordagem dos sacramentos que, a nosso julgo, se complementam: uma europeia, com Bernard Sesboué e outra latino americana, com Victor Codina. Buscamos pistas para o processo de Iniciação à Vida Cristã hoje, que envolve, não apenas a catequese, mas toda a comunidade cristã e só assim poderá dar frutos.

2.1 OS SACRAMENTOS SE REPORTAM A JESUS CRISTO E AO REINO

Cada um dos sacramentos reporta-se à pessoa de Cristo, Ele, sacramento do Pai, veio ao mundo anunciar o Reino. Esse Reino manifesta-se nos seus atos e palavras. Sua vida, sua pregação, sua práxis, enfim, todo o seu Mistério Pascal: Paixão, Morte e Ressurreição fundamentam todos e cada um dos sacramentos. Ao nos reportar a Jesus, os sacramentos nos comprometem com Ele, com suas ações e opções. Implicam a nossa participação na sua vida e missão. “Tudo o que Jesus viveu, fez e sofreu, são os sacramentos originais de nossa salvação” (SESBOUÉ, 2009, p. 33). Por isso a compreensão dos sacramentos, a forma para celebrá-los, a prática de vida que deles decorre, têm de ser buscadas em Jesus, na fidelidade à sua práxis histórica, revelada nos Evangelhos. Em decorrência da proximidade com Jesus, a caminhada de fé dos primeiros cristãos, tomadas às devidas proporções, é como que normativa para a Igreja, serve de luz a nos guiar diante dos desafios do nosso tempo¹¹.

A partir do chamado feito por Jesus, os discípulos passam por um processo de “iniciação”. Eles acompanham Jesus, aprendem com Ele a ter um novo olhar sobre a Lei, sobre as pessoas e sobre os acontecimentos. Vão descobrindo, pela experiência e convivência com Ele, um outro jeito de viver e de se relacionar com as pessoas. Eles passam por um processo de um novo nascimento que só se concluirá com a vinda do Espírito Santo (At 1,5) e com Pentecostes (At 2,34-41).

É a partir deste processo de “iniciação”, que os discípulos vão, aos poucos, se convertendo em continuadores da missão de Jesus e também ‘fazedores’ de novos discípulos. O testemunho destes desperta em outros a fé que os leva a formar comunidade no seguimento de Jesus (Atos 2,42-47). Neste sentido Codina afirma:

A Igreja do primeiro milênio participa simbolicamente do mistério cristão em sua liturgia, sem preocupar-se demasiado por definir nem sistematizar os diferentes tipos de sacramentos, nem a estrutura de cada um deles. (CODINA, 1990, P. 270)

Implica ao fiel tornar-se ouvinte da Palavra, deixar-se transformar, mudando aquilo que, em seu viver, o distancia da Boa Nova de Jesus. Em resumo, convertendo-se à dinâmica do Reino de Deus. O batismo é um nascer de novo. O neófito deve agora ser um reflexo da luz de Cristo e ainda, “uma luz capaz de acender outras luzes”.¹² Decisão de comprometer-se com a causa de Jesus e com as opções do Reino de Deus. Na medida em que os sacramentos se reportam ao Reino de Deus e se direcionam ao seguimento de Jesus, implicam a necessidade de um processo de Iniciação à Vida Cristã mais dinâmico, integral e que seja capaz de envolver toda a comunidade.

11 Os sacramentos da Igreja são a transposição, sob uma forma institucional, dos atos realizados por Jesus [...] Os sete sacramentos constituem um organismo estruturado que resume em si a totalidade daquilo que Jesus viveu e realizou. (SESBOUÉ, 2009, p. 35)

12 “Somos velas acesas por ti, cabe a nós acender outras luzes. Iluminados, iluminadores queremos ser oh Senhor.” Música “Velas acesas” Pe. Zezinho, SCJ.

2.2 ARTICULAR O “EU CREIO” COM O “NÓS CREMOS”

Nos primeiros séculos da Igreja, o catecumenato durava em torno de três anos. Havia uma etapa mais longa que era para certificar a conversão ou a mudança de costumes; depois uma etapa intermediária, mais curta e intensa, através da qual se dava a “instrução do Evangelho”; a terceira etapa acontecia após o batismo, durante a semana da Páscoa e consistia em nova catequese dirigida aos neófitos, ou “iluminados” que versava sobre os sacramentos recebidos na Vigília Pascal. Era uma etapa mais mistagógica, mas cujo mistério sacramental não podia ser revelado aos não batizados, nem mesmo aos catecúmenos. Assim, era depois da recepção dos sacramentos que se lhes explicavam o significado, uma espécie de catequese posterior ao ato litúrgico, mas que, lhe conferia sentido e continuidade na comunidade de fé. (Cf. SESBOUÉ, 2009, p. 82 a 84)

Se a fé é preliminar à recepção do batismo, por outro lado, o batismo confere a fé. Há, pois, uma reciprocidade entre preparação e recepção: “A graça de Deus insere-se no procedimento humano orientado para a recepção do batismo.” (SESBOUÉ, 2009, p. 93). Ambos implicam a fé como os dois lados de uma mesma moeda. A fé se dá em comunidade, aí o “eu creio”, a dimensão pessoal da fé encontra eco no “nós cremos”, na dimensão comunitária desta mesma fé. Por isso, qualquer recepção dos sacramentos sem uma devida Iniciação à Vida Cristã, capaz de despertar para o seguimento de Jesus e para o compromisso de caminhar como Igreja, Corpo Místico de Cristo e nela perseverar, logo perderá o sentido. Ajudará a alargar as fileiras dos batizados descrentes, dos “católicos de nome” que não se sentem Igreja (cf. CNBB, Doc. 105, n. 120). O sacramento implica também um compromisso da parte de quem o recebe e isso tem de ser explicitado, a seu tempo, a todo aquele que pleiteia o sacramento ou que o tenha recebido em tenra idade e precisa agora dar-se conta da importância e significado do sacramento recebido.¹³

Se pelo batismo o fiel é feito Corpo de Cristo, membro do povo de Deus, o sentido pleno deste ato de fé, o “Eu creio” pessoal, só se expressa coerentemente inserindo-se no “nós cremos” da comunidade. É aí que ganha a dimensão de sua historicidade enquanto esta comunidade de fé (Igreja) como Corpo Místico de Cristo, expressa a continuação de sua missão no mundo. “Os cristãos são chamados a serem os olhos, os ouvidos, as mãos, a boca, o coração de Cristo na Igreja e no mundo.” (CNBB, Doc. 105, n. 102). Aí santificam o mundo pela palavra e pelo exemplo.

Neste sentido, é preciso dar maior atenção ao itinerário ou caminho de Iniciação à Vida Cristã. Os sacramentos exigem uma iniciação para que, de fato, realizem aquilo que eles

13 “Ao mesmo tempo que proclama a sua fé, o batizado aceita que o gesto da Igreja seja realizado nele. Ele recebe o selo de Cristo. ‘Eu creio’, isto é, eu aceito, eu consinto, mas ao mesmo tempo, eu comprometo-me. Este ‘eu creio’ não puramente verbal. Trata-se de uma palavra ‘performativa’ ou seja, uma palavra que realiza o que significa.” (SESBOUÉ, 2009, p. 94)

significam. Os sacramentos repropõem a dinâmica da encarnação e, de alguma forma, propõem todo o mistério da salvação que se estende na história através da comunidade de fé¹⁴.

Se os sacramentos têm sua fonte e seu foco em Jesus e em Seu Reino, por sua vez, a IVC ou, de modo geral a catequese, não pode, sob pena de desvio ou mutação de sentido, focar-se apenas na recepção dos sacramentos. O foco deve manter-se em Jesus na proposta do Reino vivenciada em comunidade e alimentada constantemente pela vida litúrgica. E ainda, como os sacramentos implicam indissolúvelmente uma ação humana e uma ação divina que se opera na Igreja, é nesta comunidade de fé que, necessariamente, se dá a IVC. “A comunidade eclesial é a que faz os ritos sacramentais e, ao mesmo tempo, é o Senhor quem, por meio destes ritos, atualiza a salvação em nós.” (TRAETS, 1973, p. 211) A grande responsável pelo processo de IVC, é, seguramente, toda a comunidade de fé.

Deste modo, os catequistas, a comunidade, as demais lideranças eclesiais, e também o clero, têm de ter presente que o foco do processo de Iniciação à Vida Cristã é o seguimento de Jesus na vida de comunidade. A mudança de foco da preparação para a recepção dos sacramentos, reorientados para a vivência cristã em comunidade, dará maior segurança para fazer avançar o processo de Iniciação à Vida Cristã, despertando novos discípulos missionários que possam agir como “sujeitos” na Igreja e na sociedade.

3 A IVC COM FOCO NO SEGUIMENTO DE JESUS NA VIDA EM COMUNIDADE.

O foco da catequese, necessariamente, tem de se ampliar para além da preparação e recepção dos sacramentos. A ação salvadora de Deus implica uma resposta de fé da parte do batizado. Nesta aliança sela-se a sua entrada na comunidade de fé, na Igreja, onde se dará continuidade da catequese aprofundando o sentido do mistério recebido.

3.1 A MUDANÇA DE FOCO CONDUZ À MUDANÇA DAS PRÁTICAS

É na comunidade, como Igreja peregrina, que se vivencia os mistérios da fé, compromete-se com o seguimento de Jesus e torna-se mais consciente da missão na Igreja e na sociedade. Com o foco na participação na vida de comunidade recupera-se a centralidade da liturgia no processo catequético.

As pedagogias e dinâmicas próprias e específicas para cada idade, auxiliam, mas o fundamental é a descoberta do seguimento de Jesus. Assim, o grupo catequético não seria propriamente organizado em função do sacramento a ser recebido, mas em função de um crescente comprometimento no seguimento a Jesus. À medida que se vai caminhando, vai,

14 “Pela graça da mediação de Jesus Cristo entramos na história trinitária da salvação que se fez Igreja. E é por isso que o batismo se celebra através de uma tríplice referência ao passado fundador do mistério pascal, ao presente do batizado, e ao futuro dos últimos tempos em que, aquilo que se realiza na fé, se manifestará na glória.” (SESBOUÉ, 2009. p. 89-90).

progressivamente, recebendo os sacramentos da iniciação: batismo, crisma e eucaristia, conforme o caso, sem que o processo catequético seja encerrado com a recepção dos mesmos.

Isto exigirá uma mudança de mentalidade, pois, trata-se de pensar um processo contínuo de formação centrado na participação na vida litúrgica da Igreja e que envolverá não apenas um pequeno grupo de catequistas, mas toda a comunidade deverá ser “catequizadora”. O que seria, na prática, colocar o foco na vida de comunidade: participação ativa na vida litúrgica (cultos, missas, celebrações, etc.) ampliar os espaços de formação (cursos, encontros de formação para adolescentes, jovens, casais, idosos, viúvos, Campanha da Fraternidade, Mês da Bíblia e efetivo envolvimento nas diversas pastorais) Fomentar grupos de estudos dos documentos eclesiais e outros que ajudem na formação integral do cristão. Este conjunto tornaria o processo de IVC mais efetivo, com maior índice de perseverança e maior força para o seguimento de Jesus e maior engajamento na vida eclesial e social. Isto pede urgência.

3.2 UMA TAREFA URGENTE

Traços culturais nos amarram. Muitos esforços têm sido feitos a partir do Vaticano II como o importante documento Catequese Renovada, o Diretório para os Sacramentos, o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos - RICA, o Documento de Aparecida¹⁵, etc. Os documentos oferecem bases teológicas, pastorais para as mudanças, apresentam pistas concretas de efetivação destas mudanças e, várias dioceses e paróquias conseguiram avanços muito significativos. Porém, quando se trata de uma mudança cultural, que vai além de uma mudança de mentalidade, o processo é lento, e nem sempre gradual. Sofre avanços e retrocessos no processo histórico.

O longo período de Crisandade deslocou o foco sacramental do seguimento de Jesus fixando-o na recepção dos sacramentos enfraquecendo sua dimensão simbólica. Não é fácil desgarrar-se do peso dessa longa tradição. Além dos movimentos reacionários que têm ressurgido, o individualismo pós moderno ao centrar a pessoa sobre si mesma, enfraquece a dimensão comunitária da religião. Ainda que sejam encontros de massa, as expressões e o foco permanecem na primeira pessoa, enfraquecendo a dimensão do “nós cremos”, como se a fé se reduzisse apenas ao âmago da individualidade e da vida privada. Neste contexto, torna-se ainda mais desafiante fazer com que o foco do sacramento centre-se no seguimento a Jesus e na dinâmica do Reino através da vida de comunidade.

O recente fortalecimento do clericalismo na Igreja também é um dificultador a mais. Ao reforçar a autoridade e o poder eclesiástico tende-se a infantilizar a presença dos leigos na Igreja. Os que assumem cargos de lideranças tornam-se uma simples extensão da autoridade clerical e, como tal, não pensam nem decidem por si mesmos. Os recentes documentos da

15 Que nos convida a uma “conversão pastoral e renovação missionária” cf. n. 375. E dedica boa parte para tratar do caminho de formação dos discípulos missionários (capítulo VI) e dentro deste trata da Iniciação à Vida cristã e catequese permanente (cf. n. 286 a 300).

CNBB que se enraízam na Conferência de Aparecida e estão em sintonia com os Documentos pontifícios de Francisco acenam contra esse clericalismo e a favor da valorização do leigo como “sujeito eclesial”. Para isso será necessário que haja as condições eclesiais necessárias (cf. MIRANDA, 2011, p. 60). Assim, aproveitando esta “primavera eclesial” de Francisco que aposta em um Igreja em “saída missionária”, mais próxima e misericordiosa, temos uma ocasião propícia para refontalizar o processo de IVC focando-o no seguimento a Jesus e na dinâmica do Seu Reino, esse é também o empenho dado pela última conferência dos Bispos do Brasil com a aprovação do Documento 107.

Se o foco da preparação deixa de ser direcionado para o sacramento e converge para o seguimento de Jesus na dinâmica do Reino de Deus, em certo sentido, minimiza um pouco a controvérsia teológico pastoral sobre o batismo de crianças em relação ao batismo de adultos. Se adulto, ele será preparado, orientado e incentivado a, conscientemente, fazer sua adesão ao seguimento de Cristo na vida de comunidade, assumindo seus direitos e deveres como cristão, procurando sempre o amadurecimento de sua fé. Se criança, mantendo o mesmo foco, ela deverá ser acompanhada em seu crescimento para que ocorra dentro da comunidade de fé, rodeada de bons testemunhos e, em tempo oportuno, será proporcionalmente conduzida à descoberta da fé e do seguimento de Jesus e do Seu Reino. Pois a fé pessoal “eu creio” há de ser sempre articulada com a fé da comunidade “nós cremos”. Então, o compromisso em relação à criança que recebe o sacramento não é apenas de seus pais e padrinhos, nem apenas de seus catequizandos, embora esse testemunho seja fundamental para o seu pleno desenvolvimento. Porém, o compromisso de conduzir a criança rumo à maturidade na fé é de toda a comunidade. Qual planta nova e frágil que exige maior cuidado e proteção para desenvolver-se, de forma semelhante, maior deverá ser o cuidado e a proteção para com a criança que recebeu o sacramento em tenra idade.

3.3 NOVA POSTURA NO PROCESSO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

Uma vez que o foco da “preparação” esteja direcionada não mais para a recepção dos sacramentos, mas para o seguimento de Jesus e de Seu Reino na vida de comunidade, a catequese, ou de maneira mais ampla, o processo de IVC, ganhará uma nova postura. Poderá se converter em uma catequese:

Mais litúrgica: procurará inserir os catequizandos ou catecúmenos na participação da vida litúrgica da comunidade. Por sua vez, os catequistas serão os primeiros incentivadores pela presença e participação ativa na vida litúrgica da comunidade. A liturgia é que deverá direcionar o calendário catequético de tal forma que se caminhe em sintonia com o mistério de Cristo celebrado no decorrer do ano litúrgico;

Mais bíblica: Mais enraizada na Palavra de Deus, criando momentos fortes de estudo e reflexão para que essa Palavra possa ressoar na vida de cada um. A Palavra de Deus será o

eixo principal de todo o processo de IVC e poderá favorecer à desejada e necessária animação bíblica de toda a pastoral.

Mais orante: Procurará criar momentos de encontro com o Senhor, favorecendo o cultivo do espírito de oração e, da oração mesma, permitindo a cada um explicitar no seu “eu creio” uma resposta pessoal ao apelo de Deus.

Mais simbólica: Permitirá expressar melhor as realidades do sentido e vivência do sacramento, pois o símbolo remete a algo maior e mais profundo que não se esgota. Assim, dará maior sentido à liturgia celebrada, engajando-a na vida do fiel, em sua expressão de fé, aproximando-se melhor de sua existência humana, social, na sua realidade histórica própria.

Mais comprometida: assumindo as alegrias e tristezas vividas na comunidade em meio aos desafios da realidade social, assumindo a defesa da vida e solidarizando-se com os mais pobres e necessitados. Numa caminhada rumo à maturidade na fé em atitude de ativa de “sujeitos eclesiais” na Igreja e no mundo (CNBB, Doc. 105 n. 91).

Mais ministerial: Permitirá um maior envolvimento de cada fiel na vida concreta da comunidade. Será um fiel mais consciente de sua missão, como membro do Corpo Místico de Cristo, com maior engajamento nos diferentes serviços e ministérios eclesiais.

Mais ecumênica: Orientando-se na direção do Reino de Deus e mais seguro de sua própria fé, o fiel será capaz de uma maior abertura para o diálogo com o diferente. Terá condições de chegar-se aos posicionamentos da Igreja na questão ecumênica e nesta direção pautar suas atitudes buscando somar forças na ações comuns que possam ser desenvolvidas a favor do Reino.

Mais missionária: Compreendendo-se como discípulo do Senhor, como continuador de sua missão, assumirá com maior força a dimensão missionária da Igreja, procurando atuar como discípulo missionário na Igreja e na sociedade.

O Documento aprovado 107 da CNBB, *Iniciação à Vida Cristã*: itinerário para formar discípulos missionários (CNBB, 2017), coloca os eixos da Iniciação à Vida Cristã e elege a Samaritana como ícone deste processo.

CONCLUSÃO

A Conferência dos Bispos do Brasil vêm mostrando sua preocupação com a caminhada cristã dos fiéis no sentido da formação de verdadeiros discípulos missionários, conforme os apelos da Conferência de Aparecida. Toda a catequese e toda as nossas comunidades cristãs devem voltar-se, prioritariamente para vivência do seguimento de Jesus, através da vida de comunidade. Sem isso, continuaremos a ter muitos batizados que não vivem seu batismo, muitos crismados que não assumem a sua fé e muitos que recebem a Eucaristia e logo abandonam a Igreja,.

No entanto, os documentos em si mesmos, não mudam nossa prática, não transformam nossa realidade. Por isso precisamos aproveitar a oportunidade: ler, estudar, buscar formas de fazer com as linhas e diretrizes apontadas pelos documentos sejam colocadas em prática. Essa tarefa da IVC não se restringe aos catequistas. É uma tarefa que envolve toda a comunidade e, de maneira mais otimista, todos os cristãos. Se não zelarmos por uma efetiva ação e empenho para uma verdadeira Iniciação à vida Cristã em comunidade, nossa Igreja estará fadada a um enfraquecimento contínuo e acelerado. E isso é *prá* começo de conversa.

REFERÊNCIAS

- CODINA, V. ¿Es lícito bautizar a los ricos? *Selecciones de Teología*, nº 53, Vol 14, Ene/mar 1975, p. 56 a 59.
- _____. IRARRAZAVAL, Diego. *Sacramentos de Iniciação: Água e Espírito de Liberdade*. São Paulo: Vozes, 1988.
- _____. Sacramentos. In: ELLACURIA, Inácio e SOBRINO, Jon, *Mysterium Liberationis: Conceptos fundamentales de la teología de la liberación II*, Madrid: Editorial Trota, 1990, p. 267-294.
- COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA [CNBB]. *Itinerário Catequético: Iniciação à Vida Cristã – um processo de inspiração catecumenal*. Brasília: Edições CNBB, 2ª ed. 2015.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL [CNBB] *Catequese Renovada: Orientação e conteúdo*, São Paulo: Paulinas, 1983. [Documentos CNBB, nº 26].
- _____. *Diretório Nacional de Catequese*, São Paulo: Paulinas, 2005. [Documentos CNBB, nº 84].
- _____. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14)*. Brasília: Edições CNBB, 2016. [Documentos CNBB nº 105]
- _____. *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília: Edições CNBB, 2017. [Documentos CNBB nº 107]. (Cópia)
- LIBANIO, João Batista. Itinerário da fé hoje: a propósito da teologia da fé. In: *O Itinerário da fé na “iniciação cristã de adultos”*. Estudos da CNBB, nº 82. São Paulo: Paulus, 2001. p. 305-306.
- MIRANDA, Mário França. É possível um sujeito eclesial? *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, Ano 43, Nº 119, Jan/Abr 2011. p. 58.
- _____. Rumo a uma nova configuração eclesial. *Cadernos de Teologia Pública IX*, nº 71, 2012, São Leopoldo: UNISINOS.
- RAMÍREZ, Francisco Javier Montes, “La unidad teológica de los sacramentos de Iniciación Cristiana”. *Medellín*, Bogotá, Colombia, v. 62, n. 166, Sep / Dic 2016. P. 579-598.
- SESBOUÉ, Bernard. *Pensar e a viver a fé no Terceiro Milênio: Sacramentos credíveis e desejáveis*. Coimbra: Gráfica Coimbra, 2009.
- TRAETS, Cor. Orientaciones para una teología de los sacramentos. *Selecciones de Teología*, Espanha, Vol 12, nº 47, Jul/set, 1973. p. 210-220.